

TRORISMO

# Nazistas ameaçam intelectuais. Providências? Difícil, diz a polícia.

A polícia de São Paulo tem um suspeito nas ameaças de morte feitas a intelectuais, professores e artistas: um rapaz moreno, cabelo um pouco compridos, barba, e que seria estudante de Letras na USP.

Essas informações foram dadas por Lourdes Cedran, mulher do físico Mário Schemberg, que sofreu diretamente um ataque. Ela diz que viu um rapaz assim na USP, muito parecido com o que invadiu a sua residência no dia 18 de setembro passado.

Naquele dia, Lourdes Cedran, diretora do Departamento das Artes, já havia recebido um telefonema anônimo, no qual a pessoa do outro lado dizia: "Vamos fazer do Bezerra um bezerro", referindo-se a Gregório Bezerra, líder do Partido Comunista Brasileiro recentemente anistado que retornou ao Brasil.

A noite, bateram na porta de sua casa, no bairro do Sumaré. O físico — apontado da USP pelo AI-5 —, havia saído, para participar de uma exposição, e dona Lourdes atendeu. Foram dois rapazes, um deles de barba e cabelos compridos, e o outro louro, com o cabelo cortado bem rente. Os dois atacaram dona Lourdes, ela caiu e bateu com a cabeça em um móvel.

Antes de irem embora, perguntaram sobre documentos do físico e alertaram que o próximo seria o artista plástico Mário Gruber — três dias depois, efetivamente, o artista começou a receber telefonemas anônimos ameaçadores.

Eles só foram embora da casa de dona Lourdes quando ela começou a gritar, chamando a atenção da empregada. Os dois fugiram e, baseado nas declarações de dona Lourdes, um perito do Deops conseguiu elaborar os retratos falados deles.

A polícia paulista admite que, através desses retratos e da captação dos telefonemas anônimos, dificilmente será possível chegar

aos autores das ameaças, que se dizem membros do Movimento de Reorganização do Nazismo (nesses telefonemas, fala-se muito sobre o acordo nuclear com a Alemanha e a ideologia esquerdista).

Para o secretário da Segurança Pública, desembargador Gonzaga Júnior, "as investigações provavelmente não conduzirão a nada, por absoluta falta de detalhes fornecidos pelos que foram ameaçados".

Há grupinhos ideológicos de extrema esquerda e extrema direita, até de radicais do centro. Eu cumpro a promessa de que não iria divulgar isso, mas não sei a quem atribuir o vazamento da notícia. Os elementos fornecidos são muito inconsistentes, o que impossibilita que as investigações levem a alguma coisa.

Em seu depoimento na Divisão de Ordem Política do Deops, onde dois delegados — Sílvio Pereira Machado e Zildo Heleodoro — estão apurando as denúncias, o físico Mário Schemberg falou sobre o acordo nuclear Brasil-Alemanha:

Fui a primeira pessoa, no Brasil, a dizer publicamente que estava convencido de que por trás do acordo nuclear com a Alemanha há um acordo militar que é a base de tudo e é secreto. Essa argumentação já foi levantada na Europa, ainda na época do Costa e Silva. Acredito que essas ameaças têm por finalidade calar a boca dos críticos e minar o processo de abertura. Eu tenho conhecimento de que o acordo nuclear está entregue a nazistas e que um líder nazista fez 12 viagens ao Brasil para cuidar do assunto.

O artista plástico Mário Gruber já recebeu um telefonema dizendo que ele seria morto numa segunda-feira. A voz é sempre feminina nos telefonemas que ele recebe. Em um deles, a pessoa o chamou de "comunista sujo". Mais tarde, um amigo de Mário Gruber recebeu um

telefonema e mandaram-no avisar o artista plástico de que "ele não terminará o painel de cinco por onze metros que vai fazer em uma estação do metrô".

Sobre essas ameaças, Mário Gruber disse que "se trata de uma campanha de intimidação, o objetivo é provocar o medo e o pânico". Para ele, os atentados têm ainda um objetivo mais forte, que é atingir o processo democrático brasileiro: "Estão tentando calar uma camada pensante que tem condições de influir no processo e na opinião pública".

Mas não foram apenas o físico Mário Schemberg e o artista plástico Mário Gruber que receberam ameaças. Também o físico Alberto Luís da Rocha Barros, ex-assistente do professor Mário Schemberg e um dos fundadores da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo; Maurício Segall, diretor do Museu Lasar Segall, o artista plástico Fábio Magalhães, a artista Anésia Pacheco Chaves, a mulher do empresário José Mindlin — este foi ouvido pelo Deops esta semana.

O caso só começou a ser apurado pela polícia de São Paulo no dia 8 de outubro, quando o advogado José Carlos Dias, presidente da Comissão de Justiça e Paz da Cúria Metropolitana, avisado pelos ameaçados, procurou o secretário da Segurança Pública e revelou as ameaças sofridas pelos intelectuais e empresários.

Na verdade, eles não queriam que as ameaças fossem divulgadas, tanto que as investigações estavam correndo sob sigilo.

Ontem à tarde, o diretor da Divisão de Ordem Política do Deops, delegado Sílvio Pereira Machado, informou que na sindicância aberta foram ouvidos todos os que receberam ameaças. Agora, as atenções se concentram sobre aquele rapaz de cabelos e barba compridos, moreno, que seria parecido com um estudante de Letras da USP.

## Uma voz ao telefone: "Na guerra vale tudo."

As ameaças a intelectuais, artistas e cientistas e seus familiares tiveram início há cerca de um mês, com a invasão da casa do físico Mário Schemberg e o espancamento de sua mulher. Depois disso, vieram os telefonemas ameaçadores, com constantes referências



Schemberg

favoráveis ao acordo nuclear entre Brasil e Alemanha e contrárias a ideologias de esquerda. Os autores dos telefonemas identificam-se como membros de um grupo chamado Movimento de Reorganização Nazista.

A princípio, os ameaçados queriam manter em sigilo o que se passava. Esta semana, porém, cansados das ameaças, o artista plástico Mário Gruber e o físico Alberto Rocha Barros convocaram a imprensa para revelar tudo e divulgar a gravação de dois dos telefonemas dados a Gruber por uma mulher. Nessas ligações, a mulher diz que o grupo não pretende fazer atentados contra os artistas, intelectuais e cientistas procurados, mas contra suas famílias, para não transformá-los em "heróis".

Em outro telefonema, Mário Gruber foi ameaçado de morte e o dia marcado para o atentado era uma segunda-feira. Ao físico Mário Schemberg, um dos autores das ameaças advertiu que o grupo estava "muito escudado" e "com costas quentes". Depois, avisou que os ameaçados não deveriam perder tempo procurando os dois rapazes que invadiram a casa do físico e espancaram sua mulher, porque eles já estavam longe.

O físico Alberto Rocha Barros que é um dos fundadores da Associação dos Docentes da USP, diz que nunca fez pronunciamento público contra o acordo nuclear e acha que,

por meio de ameaças a ele, o grupo tenta atingir essa entidade, "empenhada numa luta de profundo significado democrático dentro da universidade". Num telefonema, Rocha Barros foi ameaçado de morte; o atentado seria feito no dia 1º de outubro passado.

O artista Mário Gruber gravou os dois últimos telefonemas ameaçadores que recebeu, no dia 13 passado. A voz, como de hábito, era de uma mulher, e quem atendeu foi o secretário do artista. Aqui, alguns trechos dos telefonemas:

Secretário — Alô.  
 Voz — Eu queria falar com o Gruber.  
 S — Quem quer falar com ele?  
 V — É um amigo dele.  
 S — Mas não tenho ordem para chamar se não der o nome.  
 V — Diga para ele que é o dr. Malta.  
 (Pausa)  
 Gruber — Alô.  
 V — Gruber?  
 G — Eu.  
 V — Você está com medo de atender o telefone?  
 G — Quem está falando?  
 V — É o teu amigo de sempre, você sabe muito bem quem é.  
 G — Eu gostaria de conhecer...  
 V — Eu vou fazer um aviso. Você, Anésia Lourdes e o Fábio, porque vocês fazem uma arte suja, porca, imunda, uma arte que corrompe. É por isso...  
 G — Mas você não conhece, nunca viu... Quem é você?  
 V — O que vem ao caso é a nossa missão.  
 G — Missão de quem?  
 V — Vocês são contra o acordo nuclear, vocês...  
 G — Como é que você sabe?  
 V — Sabemos tudo. E podem ficar tranquilos porque não vamos ser idiotas de fazer qualquer coisa contra o Schemberg, para ele

virar um herói, nem ao Pinguelli, nem ao Leite Lopes. Mas a família (ênfatizando)... nós podemos fazer. E a mulher do Mindlin, para servir de lição aos judeus que têm uma ideologia de esquerda...

G — Vocês são anti-semitas?  
 V — Claro que somos.  
 G — Então vocês são o que? Qual é a sigla de vocês?  
 V - (soletrando) MRN.  
 A ligação caiu ou foi cortada nesse ponto. Logo depois, novo telefonema:  
 G — Alô.  
 V - Esqueci uma coisa muito importante. O primeiro será Bezerra, o segundo o Diógenes. Entendeu?  
 G - Quem são essas pessoas?  
 V - Você está cansado de saber: Gregório Bezerra, Diógenes Arruda. Nós vamos calar a boca deles em primeiro lugar. Eles não perdem por esperar.  
 G - Você diz que nós fazemos uma arte suja, mas vocês são mais, porque vocês ameaçam mulheres e família.  
 V - Na guerra vale tudo, meu filho. O pessoal vai fazer experiências do tempo do Mingele (provavelmente referindo-se a Josef Mengele, nazista que durante a guerra fez experiências médicas com judeus aprisionados em campos de concentração).  
 G - Quem é Mingele? Você nem sabe pronunciar. Você é uma pessoa que está num nível cultural meio esquisito. Ah, você é faju-ta, esse MRN é faju-ta.  
 V - Ótimo que você seja assim blasé (indiferente).  
 G - Eu não sou blasé, acho que você é uma pessoa doente mental. Vocês tem organização? É só você que telefona. Ninguém mais telefona. Isso mostra que vocês não têm organização, nem são vocês, você é uma pessoa.  
 V - Cada um tem o seu papel dentro da organização. Mais tarde...